



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Desembargador Gentil do Carmo Pinto*

26/11/2014

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

ABERTURA

Des. José Renato Nalini (Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO - Des. Caetano Lagrasta Neto (falando em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

PALAVRAS PROFERIDAS - Des. Carlos Alberto Lorenzetti Bueno (Sobrinho do homenageado, agradecendo em nome dos familiares)

ENCERRAMENTO

Des. José Renato Nalini (Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo)

Em evento da **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante**, a Corte homenageou, no Palácio da Justiça, o Desembargador Gentil do Carmo Pinto pelo centenário de seu nascimento.

Ao abrir o evento o Presidente do Tribunal de Justiça, desembargador JOSÉ RENATO NALINI, proferiu as seguintes palavras: “O Tribunal de Justiça não chegou onde está por acaso. Muitas pessoas contribuíram para isso e é por esse motivo que prestamos essas homenagens, resgatando a memória de nomes importantes para o Judiciário paulista”.

Dada a palavra ao Excelentíssimo Senhor Desembargador CAETANO LAGRATA NETO, que falou em nome do Tribunal de Justiça.

Introdução

Louva-se, inicialmente, a iniciativa do Presidente José Renato Nalini, cuja sensibilidade jurídica e artística traz novos ares de Humanismo à Justiça paulista, nestas comemorações e homenagens ao Sesquicentenário da mais alta Corte estadual.

Sumamente honrado, em nome da família e do colega de ingresso na magistratura, coautor desta oração e compadre, Desembargador Carlos Augusto Lorenzetti Bueno, tudo farei para que tenhamos um momento de alegria e reconhecimento à cultura jurídica e à sensibilidade do homenageado.

O Personagem

Mineiro de Conquista nesta nasce em 1914, tornando-se paulistano por adoção e sentimento. Casa-se com Celia Bueno em 1957, em Aparecida, concretizando promessa (“não perder o único amor de minha vida”) feita pela noiva, após longo namoro.

Quiçá este profundo amor tenha marcado, por opção, um casamento sem filhos, fazendo com que o Dr. Gentil transferisse toda sua atenção e afeto para a esposa e para os muitos sobrinhos, dentre os quais o meu dileto amigo Des. Carlos Bueno, integrante de Câmara Criminal desta Corte. E foi ele quem do homenageado, durante estes longos anos de leal e intenso convívio, enumerou virtudes.

Dr. Gentil logo ficou conhecido e admirado pela sólida educação, enérgico e firme em suas convicções e decisões, no âmbito da magistratura, como juiz, Ministro do então único Tribunal de Alçada e Desembargador, era homem de simplicidade incomum, incapaz de indelicadezas, afável e de fácil diálogo, tratava a todos, indistintamente, com atenção e respeito. Essa simplicidade – ou timidez – se fez notar ao dispensar posses solenes nos Tribunais de Alçada e Justiça, a culminar com determinação a este Tribunal, que tanto amou, respeitou e serviu, que quando de sua morte o velório e o enterro deveriam estar limitados à presença de familiares.

A Carreira

Estudos superiores: Faculdade de Direito da USP, Turma de 1940; Mestrado, Curso de Direito Comparado, nos Estados Unidos 1955/1956. Promotor Público por dois anos: 1943 e 1944. Em 1945, Juiz de Direito Substituto, Piracicaba. Em 1962, promovido para o Tribunal de Alçada (único) e em 1967, a desembargador do Tribunal de Justiça, sendo eleito para o biênio 1976/1977 seu Presidente, após eleito e reeleito para sua Vice- Presidência em 1973 e para o biênio 1974/1975. Durante este período, dentre outros encargos, foi juiz substituto do Tribunal Regional Eleitoral; representante do Brasil na reunião internacional de Presidentes de Tribunais de Justiça, em 1977, em



Johannesburgo, passando a integrar a Comissão de Organização Judiciária de forma efetiva, até sua aposentadoria, em 09 de Abril de 1984.

Escreve sobre a legítima defesa (1948 e 1949); duplicata não aceita e falência (1972); Nove ensaios Jurídicos (1975); a Reforma Judiciária (1976) e a Reforma Judiciária Nacional e a Resolução n.º 2, do TJSP (1977). Ao longo de sua carreira é agraciado com Títulos Honoríficos e Condecorações proferindo inúmeros discursos e homenagens, dos quais destacaremos o da Comemoração do Sesquicentenário da Fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil (11 de Agosto de 1977) e a Carta de Despedida ao TJ, quando de sua aposentadoria (1984).

Com destaque, promove a revisão e reimpressão do famoso “*burrinho*”, de modelos de despachos e sentenças, sob a orientação do então juiz auxiliar da Presidência, hoje Ministro Sidnei Agostinho Beneti, de valor inestimável para os iniciantes na carreira.

Curiosidades de Vida e Obra

Como bom mineiro, adorava sua culinária. Torcedor *quase* fanático do Santos Futebol Clube, ainda na era gloriosa de Pelé e Cia., frequentava o Estádio do Pacaembu, no mais das vezes sozinho, algumas com amigos ou parentes. Inclusive com o sogro, Dr. Odilon Bueno – falecido prematuramente aos 66 anos de idade –, são-paulino ferrenho, o que os obriga a um pacto de moderação verbal quando dos tradicionais clássicos.

Durante anos teve casa na cidade mineira de Monte Verde e a frequentava sempre que possível em fins de semana, na companhia de Da. Celia. Dirigia o próprio veículo e amava lidar com a terra de seu quintal, cultivando paixão por plantas e flores; nas conversas com Da. Helga, alemã, dona de pensão

onde o casal almoçava, o Dr. Gentil utilizava-se só do idioma alemão, que praticamente dominava.

A simplicidade era posta de lado quando o assunto era vinho, tema que conhecia profundamente e do qual possuía razoável biblioteca, dando preferência aos livros e também às especialidades gastronômicas francesas nos raros restaurantes que costumava frequentar. Preferia comer e beber em sua casa, ou na de parentes, sempre o fazendo moderadamente.

A ausência de filhos permitiu-lhe maior facilidade e disponibilidade de tempo para viajar nas férias, das quais não abria mão. Preferência absoluta: Paris, onde o casal permanecia, no mínimo, 30 dias anuais. Sempre no mesmo e modesto hotel, muito bem localizado; levava em cada viagem, ao gerente, seu amigo de longa data, o café do Brasil. Mas, ao retornar a São Paulo sempre dizia: “o melhor de qualquer viagem é o retorno para casa”. Frequentavam óperas, teatros e principalmente sebos livreiros na capital francesa e em outras cidades da Europa, a evidenciar o aprimoramento e o domínio sobre línguas estrangeiras, enfatizando sempre a economia que lhes permitisse o “*viajar*”. Portador de indiscutível bagagem jurídica e humanística, atributo que o destacou na Magistratura, dominava além da nossa e do alemão: inglês, francês, italiano e espanhol. Ao se aposentar iniciou curso da língua russa, que não chegou a concluir. Mas, viajando a Moscou usou, sem dificuldades, o idioma local.

Uma de suas sobrinhas, Maria Elisa, casou-se em São Paulo com Joachin, de origem alemã, e na cerimônia (civil e religiosa), celebrada toda ela em português, o tradutor contratado faltou, o noivo nada entendia de nosso idioma e coube ao Dr. Gentil representar seu impecável papel. Joachin, feliz com o sucesso da cerimônia, observou: “o senhor domina o alemão melhor do que eu, que lá nasci”.

Ao galgar o ápice da carreira de Desembargador, e antes de assumir a Presidência desta Corte, vale a menção ao convite para integrar o Supremo Tribunal Federal. Não aceitou a honrosa deferência, alegando compromissos e seus profundos vínculos familiares nesta Capital.

Durante muitos anos lecionou nas Faculdades de Direito, Mackenzie e Sorocaba, ministrando aulas de Direito Administrativo, Constitucional e Processo Civil.

O Intelectual

Atrevimento nosso, mas indesculpável seria a omissão a referências, por breves que sejam, ao pensamento do Dr. Gentil. Assim, destacamos Discurso em Comemoração ao Sesquicentenário de Fundação dos Cursos Jurídicos,



a homenagem não apenas a esta Corte, mas em especial à velha Academia e, o que mais releva é a oração precisa na economia de gestos e palavras para momento de tamanha expressão à vida dos juristas: “Na liturgia das classes conferes a comunhão do pão do espírito que se multiplica; ensinas o catecismo da igualdade jurídica; entoas a litania do bem comum; incensas o sacrário da justiça; cantas o salmo do conteúdo ético da vida; difundes o evangelho da preservação dos valores universais que asseguram os direitos humanos; administras o sacramento da liberdade; pregas a democracia pelo missal da Constituição, desfiando o rosário das garantias individuais”. E, mais não seria necessário para destacar a grandeza do ensino jurídico naquela que persiste em ser a verdadeira Academia do Direito.

Epílogo

Permaneceu aposentado por 16 anos. No início da nova vida intensificou as viagens para diversos destinos, muitos através de nosso País, mas, sempre dando preferência à Capital francesa. Ao início dos anos 1990, os problemas de saúde começaram a surgir e foram se agravando, diminuindo consideravelmente, seu descortino e, como é óbvio, a sua qualidade de vida. Aposentado há aproximados 10 anos, e então com 80 de idade, apresentou alterações da memória, perdeu como muitos de nós o controle sobre sua pessoa. Muito triste, dizia-me Bueno, vê-lo nestas condições e lembrávamos a plena lucidez e inteligência que o acompanharam durante a vida familiar e profissional e que se constituíram no maior e mais grato apanágio de suas virtudes.

Foi e continua sendo exemplo de juiz, ao aliar sua visão humanística ao desempenho profissional, ao lado da honradez e dignidade no exercício do cargo, permanece como referência segura para parentes e amigos. O Fórum Regional IX – Vila Prudente ostenta orgulhoso, desde Julho deste ano, seu nome.

Na despedida, em carta datada de 9 de Abril de 1984, narra uma vitória ao afastar a proposta de extinção dos Tribunais de Alçada, opondo-se ao governo militar, contudo o pior desfecho viria com a Lei Orgânica da Magistratura Nacional, invadida e centralizada de forma incompatível com a federação, esvaziada a competência daqueles tribunais e consequente hipertrofia desta Corte:

“Éramos 36; somos 126 Desembargadores. A inflação de cargos os vulgarizou, bem como afetou a representatividade e a autoridade do plenário pela necessidade de uma formação parcial.

O princípio de que ‘só por proposta do Tribunal de Justiça poderá ser alterado o número de seus membros’ - que vinha da Constituição de 1946 (art. 124, VIII) e é corolário do da independência dos poderes, - foi mutilado pela referida Emenda n. 7, que o condicionou à observância da Lei Orgânica da Magistratura (Constituição Federal, art. 144,§6º)”.

Prossegue criticando o abandono de uma descentralização racional para implantar-se “orientação que mais entrava do que dinamiza os julgamentos”. Alerta sobre não se cuidar de “flexibilizar a lei processual de forma a permitir que os Estados de grande movimento forense adotem procedimentos especiais para agilizar os julgamentos”.

Ao cabo, lamenta o problema grave da remuneração dos juízes, castradas vantagens pecuniárias que, “ao invés de crescerem, foram suprimidas ou absorvidas, gerando-se desinteresse pela carreira e o êxodo de magistrados com tempo de aposentação”. Questões que até hoje, de forma sazonal, massacram a magistratura nacional e lastima a reforma que, ao sabor de ato de força, vê frustrada, por influência de alguns, as esperanças de muitos.

Muito haveria para contar e enaltecer, mas, como gostaria seu cunhado, o grande advogado e tribuno, Carlos Mihic Bueno (o nosso “Caxixo”) que seja o final ao sabor de antigo Fado de Mascarenhas Barreto e António dos Santos (*Partir é morrer um pouco*): que fale a saudade!

...Quem morre não sofre mais

Mas quem parte é dor demais

É bem pior que morrer!

Obrigado, a todos.



Em seguida, o Desembargador CARLOS ALBERTO LORENZETTI BUENO, sobrinho do homenageado, agradeceu a deferência e resumiu em uma frase o caráter de seu tio: “Foi um grande homem, sem dúvida nenhuma”.

Ao encerrar a cerimônia, o presidente JOSÉ RENATO NALINI contou que Gentil o fez desistir da ideia de desistir da carreira na magistratura e agradeceu os presentes. “Era promotor de Justiça e passei no concurso para juiz. Quando assisti a palestra inicial sobre o cargo, vi que a missão era difícil e pedi para tornar minha posse sem efeito, mas ele, com carinho, conversou bastante comigo e me fez repensar. Se não fosse por ele, não estaria aqui hoje. Ele faz parte da minha vida. Muito obrigado pela presença de todos.”

